

REBORN, a lógica autocentrada do esvaziamento existencial

RENATO NUNES BITTENCOURT*

RESENHA:

BITTENCOURT, Roberto Nunes. **REBORN: silicone, vinil e afeto**.
Rio de Janeiro: IVENTURA, 2025, 80p.



A presença crescente dos ditos bebês REBORN na cultura contemporânea suscita reflexões importantes sobre o

estado das relações humanas. Esses bonecos hiper-realistas, moldados em silicone ou vinil, não são apenas objetos colecionáveis: configuram um fenômeno social que evidencia transformações na forma como afeto, cuidado e vínculos são estabelecidos em nossa conjuntura existencial. Frequentemente adquiridos como substitutos simbólicos de vínculos fragilizados, os REBORNS representam uma resposta a um mundo marcado por isolamento emocional, aceleração do tempo e dificuldade crescente de construção de laços duradouros. São bebês que não demandam reciprocidade e que, portanto, não ferem nem frustram.

O livro “**REBORN: silicone, vinil e afeto**”, de Roberto Nunes Bittencourt, chama atenção para esse paradoxo. Ao mesmo tempo em que os REBORNS parecem aquecer o coração de quem os acolhe, sua existência aponta para uma ferida aberta: a incapacidade de conviver com o imprevisível e com a alteridade presente em relações reais.

O cuidado com um REBORN envolve rituais afetivos semelhantes aos dedicados a um bebê vivo. Ele é vestido, alimentado simbolicamente, posto para dormir, levado em carrinhos pelas ruas. Entretanto, esse cuidado é unilateral. Não há encontro de subjetividades: há projeção. As relações humanas, já fragilizadas pelo avanço da tecnologia e pela redução do contato direto, encontram nos REBORNS um porto seguro artificial. Quando o outro se torna uma ameaça ao equilíbrio emocional, o simulacro de afeto se apresenta como alternativa confortável. No entanto, a opção por vínculos controláveis revela um processo de esvaziamento emocional. O mundo dos REBORNS oferece a ilusão de que a vida pode ser editada e higienizada. Sentimentos como rejeição, raiva, cansaço ou decepção não têm espaço.

No livro de Roberto Nunes Bittencourt, discute-se como esse objeto pode funcionar como um espelho das necessidades afetivas não atendidas. Um jogo de simulacros de personalidade, de vida, de afetos. Nada é intensivo, tudo é positivado, desprovido de conflito. A criança perfeita, que não chora e não cresce, transforma-se em metáfora daquilo que se deseja: afeto sem conflito. Esse fenômeno dialoga diretamente com os processos de mercantilização dos vínculos. O amor, nesse contexto, torna-se produto. Compra-se companhia, atenção e até maternidade, sem dependência do tempo, do corpo ou da complexidade da convivência humana.

As relações humanas exigem risco, investimento, paciência. O REBORN remove essas disposições fundamentais para o desenvolvimento da contradição e da alteridade que moldam os

caracteres humanos substantivos. Tudo gira em torno do regime da simplificação. E é justamente essa eliminação da substancialidade emocional que nos faz refletir sobre o que está sendo perdido. Quando o outro deixa de ser um mistério para se tornar uma simulação, a própria experiência do encontro se esvazia. Ao mesmo tempo, não se pode ignorar que os REBORNS também surgem de dores reais. Há quem encontre neles uma forma de ressignificar vivências de perda, infertilidade ou solidão. O problema não está no objeto em si, mas em sua elevação a substituto pleno do humano.

A cultura performática autocentrada valoriza o desempenho, a produtividade e a estética espetacular para o consumo. Nesse ambiente, o REBORN encarna o ideal: um bebê perfeito, sempre calmo e belo, que rende fotos impecáveis e curtidas nas redes sociais. Em seu livro, Roberto Nunes Bittencourt ressalta que, ao optar por uma relação com o inanimado, muitas pessoas estão tentando se proteger de frustrações impossíveis de suportar. Nesse sentido, o REBORN atua como anestesia emocional. Mas, como toda anestesia, seus efeitos têm preço. O esvaziamento das relações humanas não se dá de forma abrupta, mas silenciosa. Gradualmente, substituímos o toque imprevisível do outro por objetos que simulam presença.

A sociedade do hiper-realismo busca substituir o natural pelo fabricado, na crença de que o que é artificial pode ser mais perfeito do que a própria vida. Isso inclui a própria experiência do afeto, cada vez mais terceirizada, mediada, higienizada. Os REBORNS também denunciam uma lógica de consumo emocional. Não apenas cuidamos de

bonecos, mas também compramos sensações: maternidade instantânea, amor disponível, aceitação garantida. Nesse cenário, a pergunta que se impõe é exatamente aquilo que o livro provoca: será que estamos desaprendendo a amar pessoas de verdade? A quem interessa um mundo em que o cuidado não encontra resposta nem resistência?

Quando relações se tornam descartáveis e o afeto é reduzido a performance, os REBORNS deixam de ser um brinquedo ou objeto terapêutico e tornam-se sintoma. Um sintoma que revela uma cultura emocionalmente exausta. O desafio, portanto, não é condenar o REBORN, mas compreender o que ele revela sobre nós. O que buscamos nele que não conseguimos nos outros? O que tememos tanto no encontro real? Se não refletirmos sobre essas questões, corremos o risco de aceitar como normal um mundo em que a presença humana é substituída por simulacros perfeitos. E, então, sem perceber, o silicone e o vinil terão ocupado o espaço que antes era do coração vivo.

A nossa sociedade de consumo se pauta pelo princípio da aceleração dos estímulos e da vertigem da velocidade que impede a reflexão e a fruição. Após uma tendência se esgotar, outra é forjada para substituir esse vazio existencial e assim movimentar a dinâmica do mercado. O bebê REBORN é uma moda, e toda moda é passageira, ainda que marque seus signos no imaginário social. No entanto, o livro **“REBORN: silicone, vinil e afeto”**, de Roberto Nunes Bittencourt, é um documento, um testemunho crítico de nossa era de decadência cultural e a perda da integridade da condição humana. Todavia, para revitalizarmos nossa civilização em busca de um genuíno bem-viver que afirme nossas próprias limitações existenciais, é imprescindível que analisemos de maneira holística todos os fenômenos socioculturais que impactam nossa deficitária sociabilidade, e assim **“REBORN: silicone, vinil e afeto”** contribui sobremaneira para nosso próprio aprimoramento existencial.

Recebido em 2025-11-28

Publicado em 2025-12-29

* **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor da FACC-UFRJ. Diretor da RNB Cursos. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com